



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Emergência e tratamentos do real

Filipe Pereirinha

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9992-3256>

Psicanalista

Atual vice-presidente da Antena do Campo Freudiano / ACF (Portugal)

Doutor em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade do Minho (Minho, Portugal)

Ex-Professor e Pesquisador do Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / ULHT (Lisboa, Portugal)

Foi colaborador do Centro de Estudos de Psicanálise (CEP) e da Revista *Afreudite* – Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada, além de convidado e colaborador regular (2007-2016), do Núcleo de Direito e Psicanálise da Universidade Federal do Paraná / UFPR (Curitiba, Brasil)

Autor dos livros *Psicanálise & Arredores* (Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2005) e *Passagens – da Literatura à Psicanálise* (Florianópolis, Empório do Direito, 2016)

Membro do Conselho Editorial da Revista *Desassossegos – Revista de Psicanálise de Orientação Lacaniana* – de que é igualmente coautor
E-mail: filipe.pereirinha@gmail.com

Resumo: Falar de *emergência* significa que houve algo inesperado e contingente que obrigou todo o mundo a responder à questão: *e agora, o que fazer?* Mas na resposta, isto é, no modo de tratar ou de lidar com isso que aconteceu, não há apenas um fazer, mas também um ou vários dizeres; daí que importe interrogar o que é este dizer, esta língua que usamos, é abusada ou nos abusa, conforme o caso, mas que por vezes implica igualmente uma certa torção que importa não perder de vista na prática analítica, pois é ela, porventura, a bússola que nos orienta.

Palavras-chave: Psicanálise, Emergência; Respostas; Língua; Lacan; Bússola.

Urgence et traitements du réel: Parler d'urgence signifie qu'il s'est passé quelque chose d'inattendu et de contingente qui a obligé tout le monde à répondre à la question : et maintenant, que faire ? Mais dans la réponse, c'est-à-dire dans la façon dont nous traitons ou nous occupons de ce qui s'est passé, il n'y a pas seulement une chose à faire, mais aussi une ou plusieurs choses à dire; c'est pourquoi il est important de se demander ce qu'est ce dicton, ce langage que nous utilisons, qui est malmené ou qui nous abuse, selon le cas, mais qui implique aussi parfois une certaine torsion qu'il est important de ne pas perdre de vue dans la pratique analytique, car c'est peut-être la boussole qui nous guide.

Mots-clés: Psuchanalyse; Urgence; Réponses; Langue; Lacan; Boussole.

Emergency and treatments of the real: Speaking of emergency means that there was something unexpected and contingent that forced everyone to answer the following question: what are we to do now? But in the answer to this question, in the way we address or deal with what has happened, there are not only things to do, but also one or more things to say; that is why it is important to ask what this saying is, this language that we use, abuse or abuses us, as the case may be, but it also sometimes implies a certain twist that we must not lose sight of in analytical practice, since it might be the compass that guides us.

Keywords: Psychoanalysis; Emergency; Answers; Language; Lacan; Compass.

Emergência e tratamentos do real¹

Filipe Pereirinha

E agora? O que fazer?

Se a pergunta foi geral, a resposta não. Coube a cada um o ônus da resposta. Quer dizer: a sua responsabilidade. Falo, em particular, da responsabilidade na resposta a dar à circunstância excepcional que a pandemia – um verdadeiro pandemônio – provocou de uma forma generalizada em todo o mundo e nos mais diversos domínios. Mesmo se extraordinária no modo como surgiu, apanhando todos de surpresa, ela foi e continua a ser ordinária quanto aos efeitos provocados.

Durante alguns meses, eu prossegui um seminário on-line, via zoom, a que dei o nome, inspirado por Lacan, de *Emergências do real*.² Foi a minha resposta. Outros responderam de um modo diferente. Não pretendo discutir aqui a resposta ou a responsabilidade de cada um, mas partilhar com vocês alguns ecos da experiência que eu próprio animei no tempo em que decorreu o seminário: o tempo de uma certa «estranheza inquietante», para jogar com o subtítulo que nomeia este evento.

O que aconteceu, afinal?

Não sei se aconteceu também desse lado do Atlântico, mas aqui a situação parece ter despertado em muita gente uma certa veia poética. E mesmo se houve quem tenha dito e escrito que não precisávamos de poesia mas de ação – o que não deixa de ser compreensível – é como se, perante o esvaziamento das ruas, o silêncio das praças, a lentidão da ciência a encontrar um tratamento específico ou uma vacina (mesmo se nunca se abusou tanto de significantes-mestres como *autoridade* e *evidência* científica) ou, enfim, os fiéis deixaram as igrejas vazias durante algum tempo, só a poesia nos salva. Pelo menos, só ela permite enfrentar este momento inusitado da história recente do mundo. Foi, pelo menos, o que alguns pensaram.

Da minha parte, eu prefiro pensar que os poetas conseguem dizer melhor, de mais perto, aquilo de que se trata: o advento do inesperado, da contingência, que é, como sabemos, um dos nomes do real. Como se o poeta fosse capaz, graças ao uso e cuidado que tem com a língua, de dizer bem o impossível de dizer, formulando paradoxalmente o informúlável. Pois, como diz Gonçalo M. Tavares (2010, p. 89), um escritor e poeta, "...o inesperado não tem fórmula". E o que aconteceu, na verdade, como diria uma outra escritora, foi um "encontro inesperado do diverso" (Llansol, 2014). Não é isso também o que acontece numa análise, do princípio ao fim, num reiterado encontro com o diverso que extimamente nos habita e determina, procurando dizer, formular e circunscrever esse diverso graças ao que Jacques-Alain Miller chamou, num Seminário de 2002-2003, "um esforço de poesia"?

Algumas palavras

Uma coisa é, porém, o que acontece, ou o que se faz, isto é, como se responde ao que acontece, outra o que se diz. Aliás, dizer é já uma resposta ou um certo tratamento do real em causa. E há palavras, neste tempo, que sobressaíram. Por exemplo: *emergência, distância, confinamento*, para reduzir a série ao mínimo.

Todos devem saber que a palavra *confinar* tem, pelo menos, dois sentidos divergentes: por um lado, ela remete para a ação de circunscrever, isolar, limitar, encerrar ou enclausurar. Foi o que aconteceu em muitos casos e se propôs em inúmeros outros, independentemente da resposta ou do modo como esse pedido ou injunção foram acatados, discutidos ou até mesmo, em alguns casos, abertamente contrariados. É a conhecida palavra-de ordem: *fique em casa!* Claro: supondo que há uma casa, o que nem sempre é o caso, mas... enfim.

Um outro sentido, porém, da palavra *confinar* diz respeito a um movimento contrário, no sentido de uma aproximação e não de um afastamento ou reclusão. Nesse sentido, diz-se que confinam, por exemplo, dois países que têm fronteira comum ou – como é o nosso caso hoje aqui – que embora não a tendo, foram capazes de fazer acontecer esse outro modo de *confinamento*. Quer dizer: o que limita e isola, num certo sentido, é também o que aproxima, num outro, graças em particular à tecnologia que tanto protagonismo ganhou nos últimos tempos. Na psicanálise, estamos habituados a estas torções de sentido: quando uma palavra, por um ligeiro desvio, uma pequena dobra, perde o sentido que tinha – muitas vezes cristalizado ou paralisante – para adquirir toda uma outra ressonância, nomeadamente no sujeito que a profere.

Mas nem tudo são rosas. Este novo sentido da palavra *confinamento*, tão entusiasmante e instigador por um lado, deixa-nos, por outro lado, algo inquietos: será que os *encontros* on-line – ora no prosseguimento de uma análise, ora num seminário, como houve inúmeros, ora num evento como este – são a mesma coisa sem a presença viva ou a viva presença dos corpos?

Vocês sabem que muito se disse e escreveu já sobre isso. Não pretendo acrescentar mais ruído à discussão. Prefiro juntar, da minha parte, duas novas dificuldades: uma de ordem técnica, outra linguística. Muito simplesmente, seja no prosseguimento de uma análise, seja num encontro como este, pode acontecer – o que espero que não seja o caso – que, por uma falha de ordem técnica, haja perturbações ou, no limite, uma impossibilidade de prosseguir. Mas, no meu caso concreto, há ainda uma outra dificuldade que eu poderia traduzir com uma pergunta: será que me faço entender nesta língua meio crua, meio fechada, com vogais cuja sonoridade parece ter ficado presa a meio caminho entre dentro e fora?

Permitam-me, aliás, partilhar com vocês algo que me aconteceu há alguns anos, quando, tendo chegado pela primeira vez ao Brasil e tentando explicar, na minha língua, a razão por que estava ali, fui confrontado pela interlocutora, no aeroporto, com a seguinte questão: *mas que língua você fala?*

Foi para mim algo de inesperado. E como dizia o poeta citado mais atrás, mesmo se para o inesperado não há fórmula, houve certamente um espanto. Devem imaginar o meu espanto. Um espanto que se estranha, primeiro, depois se entranha, como diria Fernando Pessoa.

Que língua é esta que eu falo?

Na verdade, quando falamos de língua, deveríamos inverter a frase de Pessoa: primeiro entranha-se, depois se estranha. É porque temos certos orifícios no corpo, sendo o mais importante o ouvido, como recorda Lacan (1975-1976/2005, p. 17) na primeira lição do *Seminário XXIII*, visto que não se fecha naturalmente, ao contrário dos outros, que a língua nos entra pelos ouvidos, aí fazendo eco e ressonância, cócegas ou estragos.

Dessa forma, a língua faz emergir no mais íntimo de nós – é outro sentido da palavra emergência – uma estranheza radical e irremediável. Na verdade, a pergunta da moça no aeroporto faz todo o sentido: *que língua você fala?* Pois nem só os bons livros, como dizia Proust, são escritos numa língua estrangeira; todos os livros do mundo o são. Porque desde sempre nós falamos uma língua estrangeira, a que nos habituámos como se fosse naturalmente a nossa. E mais do que falar – ou habitar – essa língua, é ela, no fundo, que nos fala e habita. Desse modo – e perdoem que eu recorra de novo ao poeta – cada um de nós é, no fundo, “estrangeiro, aqui e em toda a parte” (Pessoa, 2006, p. 217). Não há cura para isso.

Mas tal não justifica os abusos e manipulações a que a língua é por vezes sujeita. Foi o caso, por exemplo, do que aconteceu durante a vigência do regime nazi, na Alemanha, tão bem documentado por Victor Klemperer: um filólogo, especialista de literatura francesa e italiana, professor na Universidade de Desden, mas que, por entre os acasos que nos vão empurrando à direita e à esquerda, como diria Lacan, teve o azar, como muitos outros, aliás, de ser considerado estrangeiro, enquanto judeu alemão, em sua própria terra e língua. E mesmo se não chegou a ser deportado ou morrer num campo de concentração, em particular devido à influência de sua mulher, alemã, ele ficou obrigado a permanecer numa habitação para judeus (*Judenhaus*), expulso que fora de sua própria casa. É outra forma de *confinamento*, digamos. A frase tão ouvida nos últimos meses em várias partes do mundo, “fique em casa”, tinha aqui uma ressonância bem particular e tétrica.

O que fez ele, então? É evidente que poderia ter sucumbido como tantos outros. Tudo parecia jogar contra ele e em seu desfavor. Em vez disso, porém, Victor Klemperer, decidiu transformar o veneno em vacina, por assim dizer, dedicando-se ao longo dos doze anos de vigência do nazismo, entre 1933 e 1945, ao estudo, descrição e registo das palavras e expressões usadas – melhor seria dizer abusadas e manipuladas – pelos nazis. Através de diversas fontes (tais como discursos de Hitler ou Goebbels, difundidos pela rádio, notícias de nascimentos e mortes, jornais, livros, brochuras, conversas, etc.) ele pôde examinar a progressiva e imparável destruição

do espírito e da cultura alemãs por meio da *novilíngua* nazi. Mantendo um diário ao longo de todos esses anos, ele cumpriu assim um ato de resistência e, não menos importante, de sobrevivência.

Novilínguas

A esse esforço ele deu um nome latino: *LTI - Lingua Tertii Imperii* (Klemperer, 1996). A ironia parece evidente: uma língua morta para falar do abuso da língua dos vivos. Ou antes, mais à letra, a expressão da língua morta em que foi convertida – ou acontece que pode ser convertida – uma língua viva.

Talvez mais ainda do que estar morta, esta língua – *a língua do Terceiro Reich* – tem uma qualidade principal e intrínseca: *a pobreza*. Em toda a sua duração e extensão, ela permanece pobre e monótona. É sempre o mesmo clichê e a mesma tonalidade. Mas ela não era pobre somente porque todos estavam obrigados a alinhar-se a ela, o que o autor chama de escravatura uniformizada, de acordo com o mesmo modelo, mas sobretudo porque, numa restrição livremente escolhida, ela só exprimia completamente uma face do ser humano.

A LTI esforça-se por todos os meios de fazer perder ao indivíduo a sua individualidade, anestesiando-o e transformando-o em cabeça de gado, sem pensamento nem vontade, como a manada conduzida numa certa direção e rastreada, fazendo dele um átomo num bloco de pedra rolante.

É contra esse movimento imparável, um peso que arrasta para o abismo, não apenas a língua, mas a vida toda, pois a língua é também a textura da vida, que o diário, mantido ao longo dos anos por Victor Klemperer é uma espécie de *contrapeso*. Sem ele, como diz o próprio, cem vezes teria caído. Nas horas de maior desespero, no vazio infinito do trabalho absolutamente mecânico da fábrica, à cabeceira dos doentes e dos mortos, nas sepulturas, nos momentos de humilhação e incômodo, com um coração fisicamente fragilizado, ele sempre dizia para si mesmo, como uma fórmula secreta e eficaz: LTI, LTI. Ou seja: observa, estuda, grava na tua memória o que acontece porque amanhã já terá um outro aspeto.

No fundo, é o próprio veneno convertido em remédio, o vírus da língua do terceiro Reich funcionando como antídoto. É, aliás, o que justifica, para o autor, já depois que a guerra e o regime nazi haviam terminado, a publicação destas notas sob a forma de livro. Tendo conhecido alguém que estivera na prisão por ter ofendido o Führer, os símbolos e as instituições do Terceiro Reich, como Victor Klemperer explica no epílogo, ele encontra, por assim dizer, o que faltava para o decidir: seria *pelas palavras* que empreenderia o trabalho de organizar as notas que foi tomando ao longo dos anos, destacando nelas sobretudo o *contrapeso* e as mãos que o seguravam. "Foi assim que nasceu este livro, menos por vaidade que *para e pelas palavras*" (Klemperer, 1996, p. 362). São literalmente dele as palavras.

Nos termos de Lacan, poderíamos dizer que este é um verdadeiro *momento de concluir*. É um *livro-ato*, como eu não hesitaria em chamar. Um livro que não se limita a ajudar-nos a

compreender o que foram esses anos de empobrecimento, abuso e uniformização da língua, mas lança igualmente uma luz sobre o nosso tempo recente, aquele para o qual somos, porventura, mais cegos, isto é, que não conseguimos enxergar tão bem, pois não ganhámos ainda uma distância suficiente.

Como dizia há pouco tempo um conhecido filósofo, Bernard-Henry Lévy (2020, 25 de julho):

Começámos logo mal. Faço parte das pessoas que conhecem um pouco o que é a guerra. E não é isto. O vírus não é um inimigo invisível, os médicos e enfermeiros não são combatentes da frente da batalha, as pessoas que ficaram em casa não são reservistas nem tropas de retaguarda. Essa militarização do discurso sobre o vírus foi uma falsa partida que conduziu inevitavelmente a um mau resultado. (...) O vírus não é um inimigo nem um inimigo invisível, é um vírus. Há qualquer coisa de medieval nessa maneira de pensar nas coisas em termos de guerra.

As *novilínguas* não são, portanto, uma coisa do passado. Ler hoje, à distância de pouco mais de setenta anos, o livro de Victor Klemperer, mostra bem como o mundo contemporâneo está longe de se ter curado da tendência nefasta para abusar da língua e, sobretudo, que nenhuma língua está ao abrigo de manipulações, sejam elas de cariz político, econômico, tecnocientífico ou outro. E o pior é que, abusando da língua, é o próprio sujeito, falado e falante – a que Lacan, inventando um neologismo, chamava *parlêtre* – que sofre as consequências.

A bateria da língua

Na verdade, antes de falarmos uma língua, já somos por ela falados. E mesmo se, por vezes, comparamos essa primeira imersão do corpo nos significantes que ecoam nele provindos do Outro (por exemplo o que dizem os pais para um filho) a um banho de linguagem (ou mais propriamente de língua), esse banho não é necessariamente calmo ou tranquilo: pode ser uma verdadeira torrente, algo que bate com força, uma inundação ou mesmo um tsunami. É o que poderíamos chamar, recorrendo a um termo de Lacan (1974/2003, p. 515), *a bateria significante da língua*.

Quer dizer: um significante, antes de ser o que representa um sujeito para um outro significante, como martela Lacan ao longo dos anos, é o que bate e repercute no corpo como – se me permitem – uma baqueta. Eis o que mostra bem, porventura, a solução encontrada por um analisando que, num certo momento de análise, *realiza* claramente a ligação entre a violência sofrida em casa – uma violência que se abatia sobre a mãe, em particular, mas igualmente sobre ele – e a escolha da sua paixão musical: tocador de *bateria* numa banda.

Ou seja: trata-se de fazer ou saber fazer do que bate – e por consequência nos abate – uma batida ou bateria. Pois é também nessa bateria da língua, como mostra Freud (1905/1998, p. 235-236) na seguinte passagem, que uma piada ou um grão de humor podem advir quando é o caso, e se for o caso:

Na idade em que a criança aprende a manipular o vocabulário da sua língua materna ele sente um prazer visível em fazer deste material uma experimentação lúdica e junta as palavras sem se submeter à condição do sentido, a fim de obter, graças a elas, o efeito de prazer ligado ao ritmo e à rima. Progressivamente, ele vê este prazer ser-lhe impedido, até que as únicas ligações de palavras autorizadas que lhe restam são as que têm sentido. Depois, ele esforça-se durante anos para ir além dos limites que lhes são impostos no uso das palavras, deformando-as graças ao acrescento de certos apêndices, mudando a sua forma por meio de certos procedimentos... ou até fabricando-se uma linguagem própria para utilizar com os seus companheiros de jogos – esforços que aparecem em seguida nalgumas categorias de doentes mentais.

E convém sobretudo não esquecer, enfim, que esta língua que se entranha em nós, que é ou pode ser abusada e manipulada muitas vezes, é igualmente a nossa bússola, a orientação que importa não perder de vista quando nos aventuramos pelos *caminhos da floresta* da fala de um analisando no que ela tem de mais singular e inesperado.

Talvez por isso Lacan (1972-1973/1999) tenha criado e proposto um neologismo mais condizente: *lalangue*. Esta:

Serve para toda uma série de coisas além da comunicação. É o que a experiência do inconsciente nos mostrou, na medida em que ele é feito d'alíngua, est'alíngua que eu escrevo, como sabem, numa única palavra, para designar o que é assunto (*affaire*) próprio a cada um, alíngua dita materna, e não sem razão. (p. 174)

Ao dar a palavra ao sujeito para ele fale em sua própria língua, o ato analítico realiza, dessa forma, um modo singular de *resistência*, também no sentido político do termo. Não concordam?

Notas:

1. O texto foi a base de uma intervenção realizada nas VII Jornadas Clínicas do SEPAI, *Tu és aquele a quem odeias* (Rio de Janeiro, 15 agosto de 2020).
2. Lacan, J. (2019, maio). *The Third. The Lacanian Review*, 7, *Get Real*, p. 93.

Referências Bibliográficas

- Freud, S. (1998). *Le mot d'esprit et sa relation à l'inconscient*. Paris: Gallimard. (Trabalho Original de 1905).
- Klemperer, V. (1996). *LTI, la langue du troisième Reich – Carnets d'un philologue*. Paris: Albin Michel.
- Llansol, M. G. (2014). *LisboaLeipzig – O encontro inesperado do diverso, O ensaio da música*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Miller, J.-A. (2002-2003). *Un effort de poésie*. (Inédito). Recuperado de: <http://jonathanleroy.be/wp-content/uploads/2016/01/2002-2003-Un-effort-de-po%C3%A9sie-JA-Miller.pdf>
- Lacan, J. (1999). *Le Séminaire, Livre XX, Encore*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. (Seminário original proferido em 1972-1973)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original de 1974).
- Lacan, J. (2005), *Le Séminaire, Livre XXIII, Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil. (Seminário original proferido em 1975-1976).
- Lévy, B.-H. (2020, 25 de julho). Entrevista. *Revista E, Jornal Expresso*.
- Pessoa, F. (2006). *Poemas de Fernando Pessoa* (Seleção, Prefácio e Posfácio de Eduardo Lourenço). Lisboa: José Carlos Vasconcelos / Visão JL.
- Tavares, G. M. (2010). *Uma viagem à Índia*. Lisboa: Caminho.

Citação/Citation: Pereirinha, F. (nov. 2019 a abr. 2020). Emergência e tratamentos no real. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 15(29), 39-46. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2020v15n29p39-46

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 10/03/2019 / 03/10/2019.

Aceito/Accepted: 10/20/2019 / 20/10/2019.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.